

X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação - SEPesq
Centro Universitário Ritter dos Reis

A *Candidata*, de Vera Duarte: viagens clandestinas, mitos e ritos compartilhados em Cabo Verde

Regina da Costa da Silveira
Professora Titular do PPG Letras
UniRitter Laureate International Universities

RESUMO: Para a leitura do romance *A Candidata*, de Vera Duarte, cuja trama se refere ao período pós-colonialista da África de língua portuguesa, torna-se necessário verificar na história cabo-verdiana dados que se referem à representação literária da realidade socioeconômica e cultural do país de que a narrativa emerge. Adiante-se que esse contexto remete a um tempo presente, o tempo das experiências da narradora-autora, a partir da segunda metade do século XX. O livro foi considerado pela própria autora, em sua apresentação: “um tributo à minha época histórica, a esse século vinte de profundos contrastes, maravilhoso e horrendo, mas generoso para as mulheres, pois que as retirou da infinita escravidão e delas fez – também elas – poetas.” (DUARTE, 2012, p. 12). Trata-se de um romance que articula fatos, conflitos e identidades locais para simbolizar a mobilização cabo-verdiana e guineense na construção das nações. Nessa articulação, observa-se o projeto de modernização em que o papel social da mulher parte do individual para o coletivo, extrapola muros e quintais e vai além dos mares. Pergunta-se a autora sobre quais seriam os novos mitos e ritos que surgem na trajetória de personagens que, como Marina, protagonizam a nova história cabo-verdiana. É o desafio que a leitura dessa obra propõe.

1 DO TÍTULO AO ENREDO DE A CANDIDATA

Que viagens clandestinas haveria para ela? Em que guerras lutaria, que áfrias, que europas, poderia desvendar? Que ritos, que segredos, que fugas poderia compartilhar?

Vera Duarte em *A Candidata*

A noção de cidadão e cidadã tem sido pluralizada e hibridizada pela presença de uma diversidade de sujeitos sociais, afirma Peter McLaren (2000, p. 95). Com o título *A Candidata*, o livro da cabo-verdiana Vera Duarte chama a atenção dos leitores por vários sentidos que da expressão pode se depreender: gênero feminino, competição, pretensão a ter emprego, pretensão a ser eleita, etc. Em sua raiz latina, o prefixo *cand-* é indicador do estado *candeo*, que significa “ser alvo, tornar-se muito branco, brancura estar inflamado, queimar, tornar-se brasa, embranquecer-se, brilhante, alvura, brilho, no sentido moral: pureza, candor, cândida, candura, etc. Quanto à palavra cidadão, assim, no masculino, é “habitante da cidade” que, na Grécia antiga, desfrutava do direito de participar da vida política da cidade, o que era vedado à mulher, ao estrangeiro e ao escravo. No contexto pós-colonialista, contudo, ser cidadã ainda é uma questão problemática no que diz respeito à condição contínua do subalterno, reafirma Gayatri Chakravorty Spivak (2010).

X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação - SEPesq
Centro Universitário Ritter dos Reis

Diante do exposto, pode-se perguntar que novos mitos e ritos surgem na trajetória de personagens que, como Marina, a protagonista, compõem uma nova história proveniente de um século *maravilhoso e horrendo, mas generoso para com elas*. Como se leu na epígrafe deste ensaio, a preocupação com novos ritos que a mulher terá de enfrentar está presente nas indagações que surgem no corpo do próprio romance: “Que ritos, que segredos, que fugas poderia compartilhar?”, pergunta-se o narrador em terceira pessoa (DUARTE, 2012, p.19). O romance lembra, com efeito, a literatura mediante o papel do historiador. Para estabelecer uma distinção entre a objetividade e a imparcialidade própria do historiador, Le Goff (2005, p. 32), lembra que, de acordo com Gênicot, a imparcialidade é liberada e a objetividade é inconsciente, uma vez que o historiador não tem o direito de perseguir uma demonstração a despeito de testemunhos, defender uma causa seja qual for. Deveria manifestar a verdade ou o que crê ser a verdade. Entretanto, sabe-se impossível ser objetivo, fazer abstrações de suas concepções de homem, especialmente quando se trata de medir a importância dos feitos e suas relações causais.

Vera Duarte acaba de ser escolhida para ocupar a cadeira de Jorge Barbosa na Academia cabo-verdiana de Letras, conforme sua recente entrevista concedida ao jornal “Expresso das Ilhas”, publicada no último domingo, 03.11.2013. Dividiu-se, antes, entre a produção literária e a magistratura, agora, diz ela na entrevista, “Estou a viver um momento virado para a literatura”. Publicou temas e conferências sobre direitos humanos (Ensaio 2007), além de romances e poesia: *Amanhã Amargurada* em 1993, *O Arquipélago da Paixão* (poesia, 2001), *A Candidata* (2004), *Preces e Súplicas ou os Cânticos da Desesperança* (poesia, 2005). Há pouco mais de uma semana, lançou *A Palavra e os Dias*, “obra que reúne crônicas que têm em comum o compromisso que a autora tem com a construção de uma sociedade mais justa”. (Jornal *Expresso das Ilhas*, 03.11.2013). Com o livro *A Candidata*, publicada pela Nandayala, em Belo Horizonte, em 2012 a autora obteve o Prêmio de Literatura angolana Sonangol em 2003.

Fig. 1 - Vera Duarte “Estou a viver um momento virado para a literatura” Reportagem: *domingo, 03 novembro 2013 00:00* Escrito por: Nuno Andrade Ferreira, Expresso das Ilhas.



Disponível em :<http://www.expressodasilhas.sapo.cv/exclusivo/item/40510-vera-duarte-estou-a-viver-um-momento-virado-para-a-literatura> Acesso em: 04 de novembro de 2013

X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação - SEPesq
Centro Universitário Ritter dos Reis

Ao antecipar o conteúdo desse romance, a autora expõe seu projeto centrado na construção de uma personagem cujo perfil delineasse a mulher, mais especificamente, a mulher da segunda metade do século XX. Diz a autora na apresentação do romance em questão:

Cansei-me das histórias tragicamente belas de Madame Bovary que adorei, li e reli até a exaustão e relerei sempre para disfrutar da beleza infinita dos quadros traçados pela mestria de Flaubert. Cansei-me das histórias epicamente trágicas de Anna Karenina que me destroçou prematuramente pela impossibilidade do amor mas que adorei, li e reli pela beleza inexcelável da escrita de Tolstói, embora Anna se mate e o conde Vronsk siga triunfante. Cansei-me das Desdêmonas, belas, submissas e trágicas, ainda que o profundo conhecimento da alma humana de Shakespeare tenha feito com que o seu Othelo a acompanhasse na morte por amor. Cansei-me da imensa beleza das histórias em que as mulheres amam e a única saída é a morte. Quis escrever uma estória de mulheres que amam, sofrem, mas ...vivem.” (DUARTE, 2012, p.11).

A história de Marina inicia com a jovem atônita à espera do navio que a levará a Lisboa, onde ela fará o curso de Assistente Social. É por uma tragédia recente na vida da personagem que ela sofre: antes, por uma declaração de amor proibido, incestuoso, com o suicídio do tio, professor revolucionário, um excêntrico, mas muito estimado nas ilhas, com quem ela dividia ideias sobre a independência de Cabo Verde e da Guiné, mas que, não obstante, havia confessado amor incontrolado pela sobrinha.

O nome de Marina tem a ver com o cenário de Mindelo, dos barcos e do mar.

Fig. 2 – Porto de Mindelo



Disponível

em: http://www.trekearth.com/gallery/Africa/Cape_Verde/Barlavento/Sao_Vicente/Mindelo/photo757469.htm

Acesso: 04/11/2013

X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação - SEPesq
Centro Universitário Ritter dos Reis

“Encostada à amurada do Amélia de Melo, Marina contempla absorta o oceano profundo e pesado que desliza debaixo dos seus olhos. Ligeira embarcação cruza o imenso Atlântico com destino certo, o porto de Lisboa.” (p. 15).

Fig. 3 – Farol Amélia de Melo



Disponível em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/94/Farol_Dona_Am%C3%A9lia.jpg
Acesso em: 04/11/2013

“Era boa aluna (...) filha de uma família conceituada no meio mindelense e nunca a PIDE sequer a abordaria.” Quanto a Pedro, então namorado e depois marido de Marina, seu nome “remete à paisagem árida das ilhas”, conforme Benevenuto, no Prefácio (p. 9).

Fig. 4 – Aridez das Ilhas



Disponível em:
http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/94/Farol_Dona_Am%C3%A9lia.jpg
Acesso em: 04/11/2013

X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis

Pela reflexão da personagem, sabe-se que “Pedro partiria para se juntar aos outros que, da Guiné, faziam guerra ao regime colonial e um dia conquistariam a independência para aquelas bem-amadas ilhas.” (DUARTE, 2012, p. 19). O personagem Pedro “(...) mal saído da puberdade ia trocar, sorrindo, um futuro promissor de senhor engenheiro pela incerteza de uma utopia, ainda que concretizável a longo prazo” (p. 19). Quanto à Marina, ela projeta seu futuro incerto, indagando-se, conforme o narrador:

Que viagens clandestinas haveria para ela? Em que guerras lutaria, que áfrias, que europas, poderia desvendar? Que ritos, que segredos, que fugas poderia compartilhar? Será que, para as mulheres, haveria sempre e só as retaguardas, mesmo as domésticas? Que mulheres tinham até agora conseguido escapar à gigantesca roda trituradora do preconceito? A história falava em alguns poucos nomes que tinham conseguido fugir ao destino marcado. Mas sempre à custa de tanto sacrifício! (...) Sabia que a situação das mulheres estava a mudar e tinha a profunda percepção de que, desta vez, não se tratava só de casos individuais...” (DUARTE, 2012, p. 19)

Fig. 5 – Ilha de São Vicente – Mindelo



Disponível em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e4/Sao_Vicente.jpg
 Acesso: 04/11/2013

2 DA RUPTURA DO MITO

No caso de *A Candidata*, como se vê, trata-se de um romance que articula fatos, conflitos e identidades locais para simbolizar a mobilização cabo-verdiana e guineense na construção das nações. Nessa articulação, observa-se o projeto de modernização em que o papel social da mulher parte do individual para o coletivo, extrapola muros e quintais e vai além dos mares. Fundamentada pela informação “que se ia passando pelo mundo através

X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis

das rádios que clandestinamente sintonizava”, Mariana dá-se conta de que “a situação das mulheres estava a mudar e tinha a profunda percepção de que, desta vez, não se tratava só de casos individuais...” (p. 19).

Para Néstor Canclini, é necessário desmascarar “o que pode haver de etnocêntrico na generalização de uma modernidade nascida nas metrópoles e reconhecer, por outro lado, as formas locais de simbolizar conflitos, de usar as alianças culturais para construir pactos sociais ou mobilizar cada nação em um projeto próprio.” (CANCLINI, 1993, p. 40).

O romance de Vera Duarte refere-se diversas vezes à Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), de Cabo Verde, e a autora dedica sua obra a Amílcar Cabral, presidente do PAIGC – Partido Africano para Independência de Guiné (primeiro país a conquistar de Portugal sua independência em 1973) e Cabo Verde (independência em 1975). “Se alguém me há de fazer mal, é quem está aqui entre nós. Ninguém mais pode estragar o PAIGC, só nós próprios.” Morto por dois membros do partido em 20 de janeiro de 1973, Amílcar Cabral não chegou a ver a independência da Guiné-Bissau em 24 de setembro do mesmo ano. No paratexto, ao dedicar o livro a Amílcar, a autora afirma não o ter conhecido, mas a apresentação da obra é feita por Ana Maria Cabral, viúva de Amílcar, que assinala que Vera, a autora, transporta para este romance, para além de experiências de outras mulheres, uma mão cheia de experiências da própria vida, quer da alta magistratura jurídica, quer como defensora dos direitos humanos, quer na escrita.” (DUARTE, 2012, p. 6).

3 DA NARRATIVA HISTÓRICO-LITERÁRIA

A literatura confessional, como se sabe, traduz parte do autoconhecimento. Já o romance com tema histórico muito próximo no tempo e na geografia do narrador-autor afasta-se do gênero epopeia, tende a narrar experiências que constituem fragmentos da vivência quanto a buscar pela leitura uma identificação com um outro “eu” que se revela. Na apresentação de sua obra, a autora declara: “Captei pedaços de mulheres que conheci, criei, interpretei, teci uma filigrana que dissipou num todo harmoniosos a individualidade (...) ficcionei uma mulher que nasceu no chão das ilhas.” (DUARTE, 2012, p. 12). O livro de Vera Duarte prima, portanto, pela objetividade próxima a de um historiador. Para Le Goff (1992), a imparcialidade é liberada, a objetividade inconsciente:

“O historiador não tem direito a perseguir uma demonstração a despeito dos testemunhos, a defender uma causa, seja qual for. Deve estabelecer e fazer manifesta a verdade, ou o que crê que seja a verdade. Mas lhe é impossível ser objetivo, fazer abstração de suas concepções do homem, especialmente quando se trata de medir a importância dos feitos e suas relações causais.” (GÉNICOT, 1980, p. 112 *apud* LE GOFF, 1992, p. 32)

Le Goff (1992) considera que, se não se pode evitar alguma influência transformadora do presente sobre a leitura do passado, a objetividade pode limitar suas consequências nefastas.

X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis

Em sua recente entrevista aqui citada, Vera Duarte foi questionada sobre possíveis interferências da PIDE em sua vida, ao que a autora responde: “Não tive, porque aqueles foram os anos mais precoces e eu também não estava na linha da frente. Agora, tive convites para ir para a luta, para sair de Portugal e ir para a clandestinidade. Mas vivia dentro de uma família e estava a fazer aquilo que entendia ser a minha luta.” Ao ser perguntada se “O desenvolvimento da sociedade cabo-verdiana no pós-independência deu à mulher o lugar que ela merece?”, considera, entre outras coisas, que “a mulher conquistou esse lugar. (...) Mas até agora, em boa verdade, a mulher foi conquistando todos os domínios em que entrou.”

A preocupação da escritora parece não estar centrada na intenção de fazer denúncia nem de não fazê-la. Trata-se da ruptura do mito da mulher subserviente. Conforme ela mesma anuncia, sua reflexão centra-se na condição da mulher como personagem que “vive”. Vive sobremaneira tragédias, separações, viagens interiores que revisitam o passado, mas a narrativa sobre essa mesma mulher já se inicia à beira do cais, malas prontas para a partida e um novo itinerário, novas moradas, novos ritos de passagem; viagens exteriores, em que a personagem se desloca entre cidades e países diversos, expedientes que o percurso da vida sempre diversa propõe. Não obstante, os rituais na vida de Marina lembram em muito os ritos de passagem do herói mitológico: a partida, a iniciação e o retorno, propostos por Joseph Campbell. Sua partida marca no texto a cor local: Marina parte da cidade de Mindelo, ilha São Vicente, do país insular de Cabo Verde; sua iniciação, longe da terra natal, vem representada pela formação intelectual e sua consciência política em Lisboa. O retorno, porém, ocorre para além do itinerário geográfico, na maneira de Marina conhecer-se melhor, de se deixar outra vez ser tomada pelo amor, ao final da obra, com o reencontro com Vasco, quando a personagem confessa sentir-se viver intensamente. Em síntese, trata-se de um retorno ao *eros* que é unificação e também símbolo de conexão com o mundo interior.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

E a narrativa literária que se constitui num romance histórico associa-se em muito à palavra “candidata”. Como se viu a partir de sua origem, a palavra provoca a interação de múltiplos sinônimos em língua portuguesa, mas há que se valer de adequação ao contexto dos novos tempos. Neste século, palavras se sobrepuseram ao léxico como verdadeiros neologismos, muita dúvida em relação à flexão de cargos agora ocupados pela mulher: presidente ou presidenta, questionam-se incessantemente meus alunos do curso de Relações Internacionais. Esquecemo-nos que a palavra, tal como os indivíduos, também é viajante e se desdobra para além de um sentido imutável.

Para a autora indiana Spivak (2010), existe a preocupação do que a elite deve fazer para estar atenta à construção contínua do subalterno, de modo especial à questão da mulher. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras. Se, no entanto, essa formulação é deslocada do contexto do Primeiro Mundo para o contexto pós-colonial (que não é idêntico ao do Terceiro Mundo), a condição de ser “negra” ou “de cor” perde o significado persuasivo.

Dessa forma, a narrativa *A Candidata* é caminho imediato para uma perspectiva histórica, mas também para o exame de ritos de passagem e de mitos na vida de uma



X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis

mulher que se emancipa da tradição, muito embora mantenha sentimentos que bem traduzem o humano em suas mais remotas origens. (Quando a autora diz na apresentação da obra que quis fazer de uma mulher um herói, ela mesma sente dificuldade de tornar a palavra feminina). São, pois, mitos e ritos que agora se mantêm à distância de perspectivas atemporais, marcados pelo caráter efêmero e pela constante novidade que é marca do século XX e agora XXI. Nessa perspectiva histórica, o mito pode ser abrasador como poderá ser abrandado: é caso do Mas nada impede que os verifiquemos em sua estrutura o caráter universalizante no que tange à condição da mulher como candidata em potencial para assumir a condição de cidadã, entendida como a condição humana.

REFERÊNCIAS

BENEVENUTO, Aparecida de Fátima Bosco. Prefácio. In: DUARTE, Vera. **A Candidata**. Belo Horizonte, Nandyala, 2012.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo, Ed. Pensamento, 1995.

CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1993.

DUARTE, Vera. **A Candidata**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

FERREIRA, Nuno Andrade. Entrevista com Vera Duarte. In: Expresso das Ilhas. Mindelo, domingo/03/11/2013. Disponível em:

http://www.trekearth.com/gallery/Africa/Cape_Verde/Barlavento/Sao_Vicente/Mindelo/photo757469.htm

Acesso: 04/11/2013

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão, et all. 2. Ed. Campinas, UNICAMP, 1992.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. 3. Ed. São Paulo, Cortez, Instituto Paulo Freire, 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2010.